



XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

Desafios da Gestão Universitária no Século XXI

Mar del Plata – Argentina

2, 3 e 4 de dezembro de 2015

ISBN: 978-85-68618-01-1

PROGRAMA DE INTERCÂMBIO PARA QUE

SOELI SOARES DE MORAES

SERVIDOR TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO

soeli.moraes@ufsc.br

RESUMO

No mundo globalizado tem-se a necessidade de uma nova dinâmica para enfrentar os novos desafios da globalização e da internacionalização, para isso é necessário buscar e ampliar os conhecimentos e as habilidades, visando à participação no mundo altamente competitivo e ser um cidadão global, para isso é necessário tornar-se também globalizado, ou seja, estar conectado com as inovações tecnológicas e também com a comunicação internacionalizada. Neste contexto o presente artigo tem por objetivo levantar e analisar o número de alunos do curso de graduação em Engenharia Química da UFSC, que participaram da mobilidade acadêmica por meio dos programas de intercâmbios em cinco semestres, ou dois anos e meio, sendo 2012.2, 2013.1, 2013.2, 2014.1 e 2014.2, e o número de disciplinas validadas/aproveitadas no curso, e que foram cursadas durante a realização do programa de intercâmbio no exterior. Na Universidade federal de Santa Catarina vem crescendo a participação dos alunos nos programas de intercâmbio com o programa do governo federal Ciências sem Fronteiras. Os resultados obtidos mostram que ainda têm que melhorar as políticas institucionais relacionadas à mobilidade acadêmica através dos programas de intercâmbio para que se obtenha um melhor aproveitamento dos estudos realizados durante o intercâmbio no exterior, pois os dados ficam muito aquém do esperado que deveria ser no mínimo equivalentes ao aproveitamento no mesmo período na UFSC.

Palavras chave: Internacionalização. Mobilidade Acadêmica. Programa de Intercâmbio Ensino Superior.

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização nas instituições de ensino superior é uma realidade crescente e irreversível e na Universidade federal de Santa Catarina não podia ser diferente.

Com o processo da globalização da economia mundial, vem aumentando a necessidade da aplicação do conhecimento multidisciplinar principalmente para o desenvolvimento tecnológico e científica visando garantir a participação no novo contexto mundial globalizado. As instituições de ensino superior e dentre elas a UFSC busca a adequação das novas exigências do mercado que é ter profissionais com competências internacionais, ou seja, cidadãos do mundo que sejam capazes de enfrentar os novos desafios da globalização e da internacionalização que ainda se confundem em seus conceitos.

No contexto atual do mundo mutável e sem fronteiras, surge a necessidade das organizações e das pessoas se adaptarem a essa nova realidade. De acordo com Stallivieri (2002, p. 36) “a globalização da economia, do comércio, dos processos de produção e das telecomunicações criou um cenário interconectado”. Cenário que é necessário que os estudantes ampliem sua formação nos aspectos acadêmico, profissional e pessoal, tendo a universidade possui papel fundamental (PEREIRA et al., 2005).

Contemplando a missão das universidades de preparar cidadãos conectados para um mundo interligado e interdependente, surge a necessidade de uma experiência educacional internacionalizada, a qual permita o conhecimento e respeito pela diversidade cultural (STALLIVIERI, 2002).

Afirma Teodósio (apud MARCOVITCH; BEIRÃO, 1993, p. 110), que a universidade, considerada a mais elevada estrutura da sociedade, tem como verdadeiro papel “nutrir” o meio social com o que existe de mais novo e atual na área de conhecimento e também com o que é de mais útil para cada um dos setores da comunidade. Deste modo, ela atuará melhorando a qualidade de vida da população no que tange a saúde, cultura, arte, literatura, poesia, música, paz, compreensão e ajuda mútua entre os homens. A condição para esse papel nutridor e de transformação é a interação com o meio social, através de uma relação tão íntima, que os problemas da sociedade venham a se transformar os próprios problemas e desafios da universidade.

Para Severino (2002), A ciência como modalidade de conhecimento, só se processa como resultado de articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico. Não se reduz a um mero levantamento e exposições de fatos ou a uma coleção de dados. Esses precisam ser articulados mediante uma leitura teórica. Só a teoria pode caracterizar como científicos.

O presente artigo se insere neste contexto, tendo por objetivo analisar, ainda que de forma empírica, através de estudo de caso a realidade da participação dos alunos do curso de engenharia química da UFSC, nos programas de intercâmbio, levantando o número de alunos por semestre e o número de créditos validados durante os programas de intercâmbio.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Programas de Intercâmbio e Internacionalização do Ensino Superior

A internacionalização do ensino superior não é um evento novo, existindo desde a Idade Média, onde a internacionalização da educação superior na perspectiva de sistemas de educação pode ser compreendida em termos de modelos. O modelo de *Cooperação Internacional Tradicional – CIT*, caracterizado por relações de competitividade entre as instituições de educação superior (IES) na captação de sujeitos e de consumidores. A ênfase é posta nos contatos internacionais e nas atividades que fortalecem as IES, principalmente as de pesquisa e de pós-graduação. Segundo dados da OECD e do Institute for Statistics da UNESCO, em 2005, mais de 2,7 milhões de estudantes da educação terciária estavam matriculados em países estrangeiros, o que representa um aumento de 5% em relação ao ano anterior. França, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos recebem mais de 50% de todos os estudantes estrangeiros do mundo. Entre os países com mais alto percentual de estudantes estrangeiros na educação terciária destacam-se Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido e Suíça.

Para Morosini, "... as instituições de ensino superior têm papel destacado, pois a elas cabem não só a formação de recursos de alto nível e a produção do conhecimento, condições indispensáveis ao deslocamento dos estados membros do patamar de países periféricos para o patamar de inserção ativa no mercado mundial, mas funções a serem construídas na formação da integração cidadã."

2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Após o período da ditadura militar, no Brasil, até à redemocratização, ainda que de forma restrita, o ensino superior se amplia de acordo com novas demandas de tarefas para a sociedade. O debate atual gira em torno do ensino superior, no Brasil, está polarizado entre uma abordagem neoliberal.

Já no período da Nova República, pós-ditadura, surgem os movimentos para institucionalizar mecanismos democráticos nas universidades públicas, em grande parte,

canalizadas para a Constituinte e, posteriormente, inseridos na Constituição de 1988 (Cunha, 2000). Em 1996, promulga-se a LDB 9394/96 e outras medidas complementares com diversos formatos que se estendem desde as orientações para uma organização eficiente, sustentável, empreendedora até a constituição de um sistema universitário diversificado objetivando atender interesses de caráter econômicos.

A partir da década de 1990, com o processo de globalização, é que a internacionalização da educação superior vem se fortificando no panorama mundial. Tal afirmativa não mais se prende à função pesquisa, mas estende-se à função ensino. Contribui para isto a tendência de categorizar a educação como serviço, com a sua consequente regulamentação pela OMC – Organização Mundial do Comércio (DIAS SOBRINHO, 2005), paralelo a concepção de transnacionalização frente à consideração da educação como bem público, resguardada pela soberania do Estado-Nação. Considerando que, neste contexto de expansão de mercado transnacional, o Brasil tem potencialidades de constituir-se em um significativo consumidor de serviços de educação superior; que o conhecimento reconhecido é um bem de alto valor, concentrado em poucos países do hemisfério norte.

Nesse contexto, indispensável refletir sobre caminhos para conviver ou diminuir essas distâncias, possibilitando intercâmbios acadêmicos em vários níveis tais como recursos humanos, conhecimentos, tecnologias entre outros.

Com o deslocamento dos eixos de poder do mundo, as relações entre os países modificaram-se e, em decorrência, também o papel das instituições de diferentes regiões e países, apresentando em sua constituição comunidades internacionais que se reuniam em busca de um objetivo comum: o conhecimento (STALLIVIERI, 2002, p. 36-37).

2.3 INTERNACIONALIZAÇÃO NA UFSC

Criação de Universidade Federal de Santa Catarina em 1960, a partir de uma nova conjuntura no Estado de Santa Catarina, e contando com o apoio de Nereu Ramos, então presidente do PSD catarinense e Ministro da Justiça, o que teria contribuído junto ao Governo Federal no encaminhamento da criação da Universidade Federal. Foi formada uma comissão suprapartidária, encabeçada por Heriberto Hülse, governador de Santa Catarina na época, com o objetivo de reunir-se em audiência com o Presidente da República, Juscelino Kubitschek, para o pedido formal de criação da Universidade Federal de Santa Catarina, que foi aprovada pela Lei nº 3.849, de 18 de dezembro de 1960 (LIMA, 1980).

Segundo o portal da Secretaria de Relações Internacionais (SINTER), “A política de internacionalização da UFSC visa promover a excelência científica e tecnológica do país e proporcionar solidariedade entre os povos. As ações de internacionalização são articuladas com os objetivos do ensino de graduação e pós-graduação, da pesquisa e da extensão, elevando a qualidade acadêmica da Instituição.”

O curso de Engenharia Química foi criado em 1979, com a primeira formatura em 1983, tem a carga horária mínima de 4.320 horas aulas (3600 horas), a duração mínima do curso é de cinco anos e máxima de nove anos. No primeiro vestibular teve ingresso de 20 alunos em março no curso de Engenharia Química e 20 alunos em agosto no curso de Engenharia de alimentos, inicialmente contava com quinze professores para implementação do curso.

Atualmente o curso tem entrada de 25 alunos por semestre, e possui 34 professores com vinculação direta aos cursos, sendo três (3) mestres, vinte e nove (29) doutores e dois (2) PhDs, sem contar com os professores de outros departamentos que oferecem disciplinas aos cursos. O curso está dividido em doze grandes áreas de disciplinas, tais como, química, matemática, física, microbiologia e bioquímica, informática e cálculo numérico, ciências da engenharia química, processos da engenharia química, operações engenharia química tecnologia química, formação geral, optativas e atividades complementares e o estágio obrigatório.

Conforme o secretário de relações internacionais da UFSC, em 2015 a UFSC recebeu um aporte de R\$526.000,00, destinado a ações de internacionalização desta instituição de Ensino Superior.

Atualmente a UFSC possui cerca de 40 convênios com várias universidades em 50 países e com abrangência em todos os continentes, recebendo em torno de 500 estudantes estrangeiros e enviando uns 1.200.

Atualmente o curso tem uma entrada de 25 alunos semestralmente. Em 2015 possui 262 no curso de engenharia química.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do presente trabalho, utilizamos o método de estudo de caso que está apoiado na análise de uma única organização, com vistas a descrever e avaliar um problema (BRUYNE, 1977).

A pesquisa científica é composta por três etapas que são planejamento, execução e comunicação dos resultados. Para Minayo (2002, p.26) esses momentos são chamados de “ciclo da pesquisa, ou seja, um produto provisório capaz de dar origem novas interrogações”. Na primeira etapa que envolve a reflexão do assunto a ser investigada, a fundamentação teórica, os instrumentos de coleta de dados e como esses dados serão analisados. Definido por Minayo (2002) como fase exploratória da pesquisa.

Por fim a etapa final que trata da comunicação dos resultados, onde é relatada a comunidade científica e a sociedade os resultados, as dificuldades e as limitações da investigação. De acordo com Minayo (2002, p.31) “muitas vezes, por exemplo, é necessária uma aproximação maior com o campo de observação para melhor delinear outras questões tais como instrumentos de investigação e grupo de pesquisa”

Neste estudo foram utilizadas as técnicas, análise documental e observação direta com consulta em sistemas de registros institucional.

Na análise documental, foram pesquisadas fontes e bibliografias atualizadas para um embasamento teórico ao assunto proposto, através de livros, artigos em periódicos, apostilas e artigos da mídia eletrônica, que pudessem esclarecer e acrescentar novos conceitos ao tema.

4 APRESENTAÇÃO E ANALISE DOS DADOS

4.1 Caracterização do Curso De Engenharia Química

O curso de Engenharia Química foi criado em 1979, com a primeira formatura em 1983, com carga horária mínima de 4.320 horas aulas (3600 horas), a duração mínima do curso é de cinco anos e máxima de nove anos. No primeiro vestibular teve ingresso de 20 alunos em março no curso de Engenharia Química, inicialmente contava com quinze professores para implementação do curso.

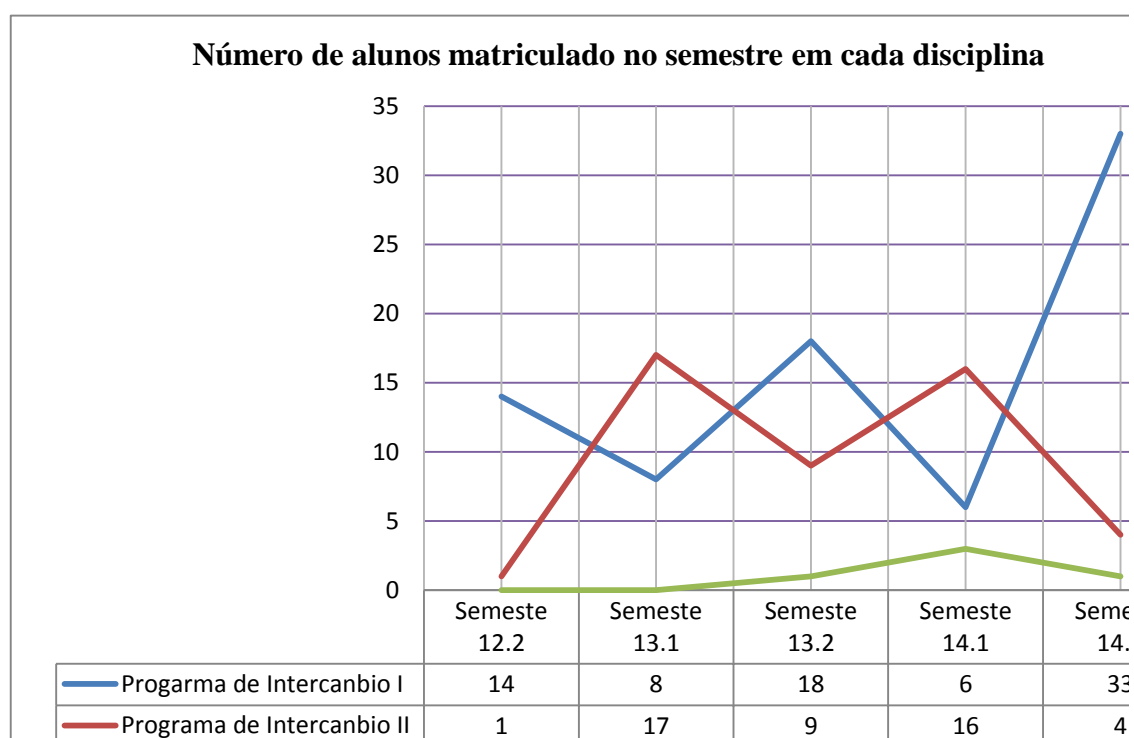
Atualmente o curso tem entrada de 25 alunos por semestre, e possui 34 professores com vinculação direta aos cursos, sendo três (3) mestres, vinte e nove (29) doutores e dois (2) PhDs, sem contar com os professores de outros departamentos que oferecem disciplinas ao curso. O curso está dividido em doze grandes áreas de disciplinas, tais como, química, matemática, física, microbiologia e bioquímica, informática e cálculo numérico, ciências da engenharia química, processos da engenharia química, operações engenharia química tecnologia química, formação geral, optativas e atividades complementares e o estágio obrigatório.

4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados os dados e a análise dos resultados da pesquisa, Atualmente o curso de engenharia química tem uma entrada de 25 alunos semestral em 2015 possui 262 alunos regularmente matriculado.

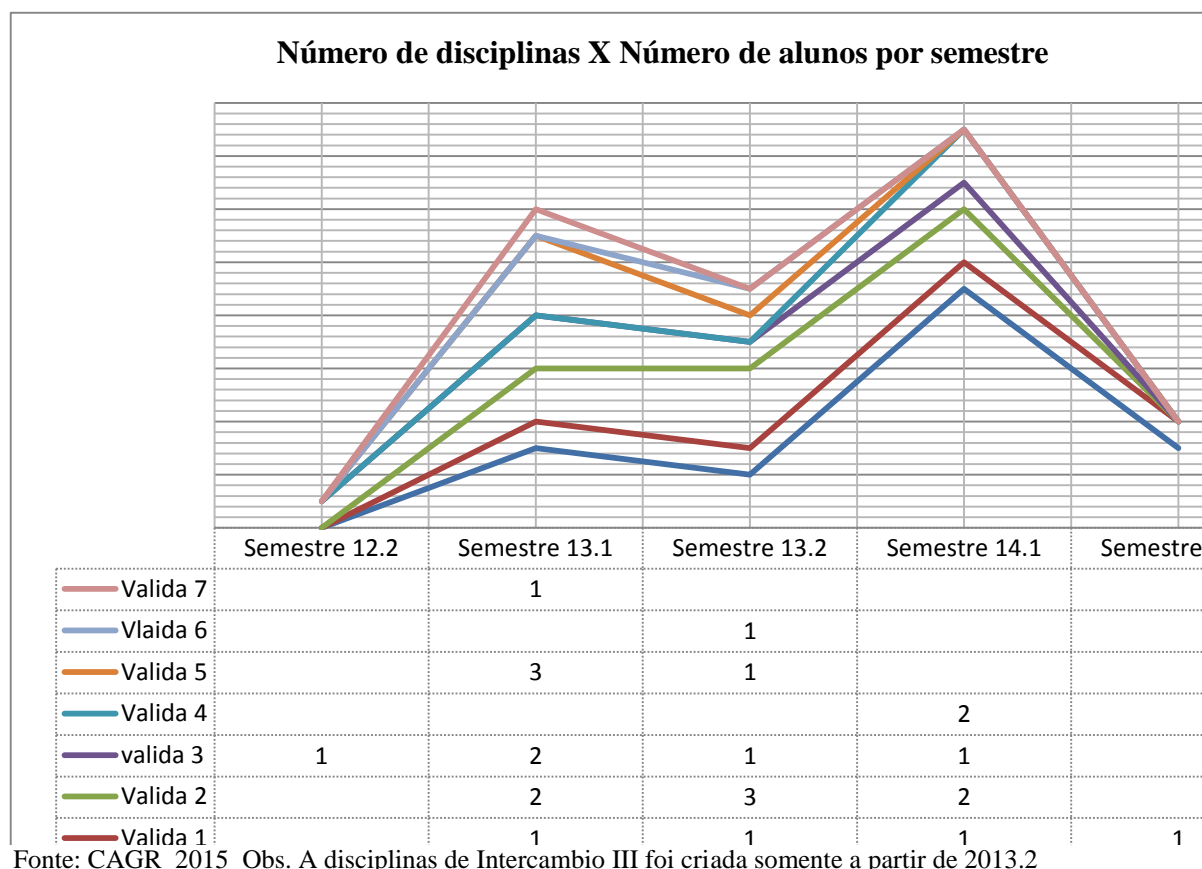
4.2.1 Quantidade de alunos participante do programa de Intercambio

No gráfico abaixo é apresentado o numero de alunos matriculados por semestre nos programas de intercambio I, II e III, sendo que a disciplinas de Intercambio III foi criada a partir do segundo semestre de 2013.2, por isso no segundo semestre de 2012 aparece com zero.



Fonte: CAGR 2015

4.2.2 Numero de disciplinas validadas no Curso de Engenharia Química



O gráfico apresenta o número de disciplinas validadas, onde podemos constatar que dos 16 alunos matriculados no primeiro semestre de 2014, nove alunos não validarão nenhuma disciplina, um validou uma disciplina, dois validou duas disciplina, um validou três disciplina, e apenas dois aproveitarão quatro disciplina.

Podemos constatar que dos quatro alunos matriculados no segundo semestre de 2014, três alunos não validarão nenhuma disciplina, um validou uma disciplina.

5 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Universidade Federal de Santa Catarina está completando 55 anos de história em 2015, sendo integrante da história, em especial, da capital Florianópolis, e logicamente do Estado de Santa Catarina. No decorrer dessas cinco décadas muitas situações foram vivenciadas e, a estrutura da instituição se tornou complexa e hierarquizada, apresentando 11 centros de ensino além das pró-reitorias e secretarias, e seus órgãos suplementares, em Florianópolis e mais três campi inaugurado em 2009, Joinville, Curitiba e Araranguá, em 2013 o campi de Blumenau. Esse contexto proporcionou destaque à UFSC no cenário nacional e internacional, tornando-a atrativa para muitos estudantes que ingressam regularmente através do vestibular,

ou por meio de intercâmbio. É justamente o intercâmbio e a mobilidade acadêmica o foco da presente pesquisa, que teve por objetivo evidenciar o cenário da instituição nessas dimensões. A pesquisa apontou que a UFSC cresceu no decorrer dos anos, possuindo na atualidade um órgão exclusivo para o trato do intercâmbio de estudantes, sendo a Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais – SINTER.

A SINTER trata o intercâmbio de duas formas: denomina *incoming* a vinda de estudantes estrangeiros para a UFSC, e de *outgoing* a ida de estudantes da UFSC para instituições de outros países. Verificou-se que a instituição analisada trata o intercâmbio acadêmico diferentemente da mobilidade acadêmica, sendo esta última a movimentação de estudantes em Instituições de Ensino Superior no país, principalmente pelo programa proposto pela ANDIFES. O órgão na UFSC responsável pelo trato da mobilidade é o Departamento de Administração Escolar – DAE. A mobilidade acadêmica apresenta resultados modestos, não ultrapassando 50 alunos envolvidos pelo programa ANDIFES no ano de 2010. O intercâmbio, no entanto, é mais expressivo em comparação com a mobilidade, envolvendo 794 estudantes que vivenciam experiências no exterior ou estrangeiros que passam pela UFSC. Para dar suporte a esse quantitativo, a UFSC firmou aproximadamente 300 acordos e convênios com instituições estrangeiras espalhadas pelos continentes, sendo que os países europeus são maioria. Há também diversos programas que incentivam tanto o intercâmbio quanto a mobilidade.

Corroborando a conclusão acima, há de se ressaltar a participação da UFSC no esforço internacional em abrigar os estudantes de instituições de ensino superior do Haiti, que ficaram sem local de estudo após o terremoto que devastou o país. Sugerem-se como pesquisas futuras, os benefícios que o intercâmbio e mobilidade acadêmica trazem para os seus participantes, em suas vidas profissionais e pessoais.

Embora o levantamento demonstre que ainda a UFSC está iniciando suas políticas institucionais para que os alunos tenham um melhor aproveitamento dos estudos realizados no exterior através dos programas de intercâmbio, como demonstrado que a maioria dos alunos não validam as disciplinas cursadas durante o intercâmbio. Podemos sugerir um estudo em conjunto com a coordenadoria de curso visando o acompanhamento dos programas de intercâmbios para que a UFSC, em especial para os alunos do curso de engenharia química possam cursar disciplinas relacionadas e que possível a sua validação ao retorno do intercâmbio, servindo de modelo para os outros cursos.

Nesse sentido, é possível concluir que o cenário da UFSC para o intercâmbio e mobilidade acadêmica é existente, ativo, incentivado e em crescimento, evidenciando que a

UFSC caminha para a expansão dos programas, reforçando sua presença nos diversos cantos do globo terrestre, necessitando apenas aperfeiçoar a mobilidade acadêmica e o intercâmbio para se tornar de fato uma instituição de ensino superior internacionalizada.

REFERÊNCIAS

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa nas ciências sociais: os pólos das práticas metodológicas**. Rio de Janeiro: F.Alves, 1977.

CATANI, A. M.; OLIVEIRA J. F. de. **A reestruturação da educação superior no debate internacional: a padronização das políticas de di-versificação e diferenciação**. Revista Portuguesa de Educação, p. 29-51, 2000.

DIAS, Sobrinho, J. **Educação Superior, globalização e democratização** . Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED, v.28, 2005, p. 164-173.

LIMA, João David Ferreira. **UFSC Sonho e Realidade**. 2.ed. Florianópolis : UFSC, 2000.

MENAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

MOROSINI, Marília Costa (org.). **MERCOSUL/MERCOSUR: Políticas e Ações Universitárias**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

Souza, E. P. de, & Fleury, M. T. L. **Estratégias e competências para a internacionalização de instituições de ensino superior do Brasil**. Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração, São Paulo, 2009.

STALLIVIERI, Luciane. **Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2014.

STALLIVIERI, L. **O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. Educação Brasileira: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras**, Brasília, v. 24, n. 48, p. 35-57, jan.-dez. 2002.

CHERMANN, Luciane de Paula. **Cooperação Internacional e Universidade – Uma Nova Cultura no Contexto da Globalização**. São Paulo: EDUC, 1999.

MARCOVITCH, Jacques; BEIRÃO, Maria S. (editores). **Gestão da cooperação internacional: experiências e depoimentos**. São Paulo, 1993.